

Vol XXV, Núm 2, jul-dez, 2020, pág. 518-530.

DOCES DELETÉRIOS DA ATIVIDADE DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO: AUTOCONSCIÊNCIA EM FOCO

Alexsandro Medeiros do Nascimento
Túlio de Moraes Revoredo
Antonio Roazzi

Resumo: Nos últimos anos, com a expansão das faculdades e universidades em todo o território nacional, a atividade social da docência ganhou grande expressão e notoriedade no contexto Brasileiro, sendo um agente importantíssimo para o desenvolvimento do ensino superior. Neste sentido, atribuições e cobranças foram exigidas a este profissional como parte integrante do seu ofício, modificando a ideia secular do filósofo Platão de ter a prática do ensino como uma atividade quase que divina e tornando-a um processo capitalizado, visando prioritariamente os números dos indicadores anuais e dando a impressão de se deixar um pouco de lado o exercício do passar conhecimento e em toma-lo como mola propulsora do crescimento humano. Diante desta perspectiva, este artigo visa lançar um debate sobre as relações de felicidade e conturbações no envolvimento da docência e propor a ideia de que, em alguma medida, tal atividade possa ser afetada de forma danosa ao Self refletindo em questões no âmbito da autoconsciência tanto reflexiva quanto de ruminação.

Palavras-chave: Docência no Ensino superior; Autoconsciência; Ruminação; Reflexão; Psicologia Cognitiva.

Abstract: In recent years, with the expansion of the faculties and universities throughout the national territory, social activity of teaching gained great expression and renown in the Brazilian context, being a very important agent for the development of higher education. In this sense, attributions and charges were demanded from this professional as an integral part of his profession, modifying the secular idea of the philosopher Plato who considered the practice of teaching as an almost divine activity and making it a capitalized process, prioritizing the numbers of the annual indicators and giving the impression of leaving the exercise of passing on knowledge a little and taking it as the driving force behind human growth. Given this perspective, this article aims to launch a debate on the relationships of happiness and troubles in the teaching environment and propose the idea that, to some extent, such activity may be adversely affected to the Self, affecting on issues within self-awareness both reflective and ruminating.

Keywords: Teaching in Higher Education; Consciousness; Rumination; Reflection; Cognitive Psychology.

Na esteira de Adorno (2003), propomos no formato de ensaio como forma literária em ciência uma reflexão crítica-construtiva com base em material misto oriundo de fontes de fazer profissional de docentes universitários e da literatura em autoconsciência em perspectiva da psicologia social experimental (Duval & Wicklund,

1972), lida em recorte da psicologia cognitiva contemporânea (Nascimento, 2008; Nascimento & Roazzi, 2013), sobre o enquadre do exercício docente em termos de seu horizonte de sustentabilidade cognitiva alicerçado nos fenômenos complexos de autofocalização da atenção humanos, e suas vicissitudes em termos de uma organização diferenciada em autoconsciências benignas e funcionais de tipo autoreflexivo e/ou malignos, psicopatológicos, e disfuncionais de tipo autoruminativo (Morin, 2002), a depender da natureza das experiências vivenciadas em contexto docente em contato com os outros selves, a disponibilização de estímulos autoreflatores aversivos e insidiosos à boa funcionalidade do self docente.

Assumimos indo ao encontro do autor citado, a natureza “impura”, misturada, complexa e multifacetada do material que posamos juntos em cotejo mútuo, onde tais elementos destas fontes díspares poderão num esforço de construção ascensiva e teórica ascender de suas bases empíricas, vivenciais, enraizadas em conhecimento compartilhado por inúmeros docentes de ensino superior sobre seu cotidiano atribulado, a um nível mais propriamente hipotético-especulativo e teórico em que se lançarão as bases de uma proposta futura de melhor cotejo científico destas questões aqui apenas delineadas em seus aspectos mais amplos, êmicos e gerais. Tal riqueza e mescla de fontes, tanto empíricas quanto oriundas do corpus teórico da psicologia cognitiva, ressaltam o potencial que este tipo de gênero literário em ciência tem de desfazer certezas, inverter perspectivas, desembaraçar potenciais rotas de análise ainda não testadas e promover avanço no conhecimento de fenômenos novos, ainda não descritos e formalizados a contento ao nível da teoria, alicerçado num pensamento que se permite navegar entre as certezas da objetividade e racionalidade, e o potencial poético e revelador da subjetividade, irracionalidade, arte e imaginação, conforme reflete Adorno (2003).

Assume-se o risco de se proferir uma palavra autoral e forçosamente subjetiva e pessoal, prenhe de perigos de recepção num discurso acadêmico que prima pela pureza e objetividade (ver Larrosa, 2003), sem, todavia, abrir mão da possibilidade de transmutar experiências que são singulares de docentes universitários, em algo com potencial de produção epistêmica em nível propriamente ético e nomotético (fazedor de leis), em estudos futuros que possibilitem a construção de modelos teóricos que explanem tais fenômenos docentes com visão alicerçada na autoconsciência. Esta é a

aposta que passar-se-á a delinear em seus caracteres iniciais nesta presente contribuição científica, estruturada em dois tempos, a saber, (1) Exposição dos pontos de vista concernentes a atual organização do trabalho docente universitário no Brasil, e, (2) a Inserção do construto cognitivo da Autoconsciência como lente interpretativa para propiciar heurísticas compreensões sobre os modos saudáveis ou disfuncionais que este subsistema do self possa ser impactado a partir da concretude da vida docente tal como vivenciada no contexto atual em regime universitário no Brasil.

Ainda sobre as intenções deste ensaio, se faz necessário evidenciar a metáfora presente no título, pois ela é de substancial importância para entender o endosso central do conteúdo exposto nas sessões a seguir.

Quando se argumenta sobre os “*Doces Deletérios*” é no sentido de condensar em dois adjetivos, a noção dos autores deste artigo de documentar a “dor e a delícia de ser o que é” (como outrora já musicou Caetano Veloso). Queremos explicar no título a beleza de estar na condição de docente, evidenciando que esta é mais do que uma profissão e que é, de fato, um chamado vocacional, uma dádiva em prol de trazer a luz para a escuridão das trevas da ignorância intelectual. Entretanto, existe a parte danosa desta atividade, assim como em tantas outras profissões. A dicotomia entre o lado bom e o lado ruim da atividade docente, é o que tentamos evidenciar no título com a metáfora “*Doces Deletérios*”, buscando trazer a noção de que há pontos positivos e pontos negativos no fazer docente, os quais estão dialeticamente enlaçados, constituindo o horizonte de possibilidades de agência construtiva ou não destes profissionais de educação, ciência e tecnologia. A metáfora em tela é, por conseguinte, fundante e essencial ao exercício do pensamento crítico construtivo que este ensaio pretende inaugurar.

Neste ensaio, em específico, discorreremos sobre alguns aspectos da profissão docente e dos conceitos da Psicologia Cognitiva no envolvimento da autoconsciência, com o propósito de iniciarmos o debate sobre o tema e abrir caminhos para estudos futuros.

Início do Debate e Pontos de Vista

Um debate epistêmico, sobretudo em conceitos empíricos que envolvem uma atividade laboral com sua forma de dinâmica social requer uma fidelidade aos esforços de interpretação muito bem definidos e uma justa posição bem clara aos limites

intelectuais pertinentes a cada especificidade de uma determinada ciência. Entretanto, os autores deste estudo buscam contribuir com um levantamento conciso de um tema debatido no envolvimento da Autoconsciência do que incisivamente quer propor o fazer prático, focando em técnicas.

Chalmers em seu livro “O que é ciência afinal?” Do ano de 1993, traz um questionamento interessante sobre como devemos observar a ciência em suas diversas facetas. Em tom meio relativista chega a propor que não é possível cercar a ciência em um quadrado e dizer quais são seus limites, colocando em cheque, inclusive, se há mesmo uma ciência da qual podemos falar. Em contraponto, Marques de Melo (1998, p. 87) afirma que:

à medida que se institucionaliza um novo campo do saber, torna-se imprescindível oferecer às novas gerações um quadro histórico que estimule a acumulação orgânica de experiências, evitando-se a repetição de etapas já percorridas, mas que escapam muitas vezes à percepção dos pesquisadores neófitos.

Esta acumulação implica em que cada área do campo dos saberes, institucionalizadas em ciência, precisam preservar e reavivar sua memória literária, com o propósito de manter os futuros agentes desta ciência inseridos em um debate estritamente teórico e prático, a fim de direcionar os debates para campos até então não vistos ou rever outros sob nova perspectiva.

Entender como se estrutura o debate do pensar a área em seu plano de fundo, questionando sua fundação, seus pensamentos primeiros, sua forma de evolução e modificações de práticas é o que torna cada área determinantemente ocupada de uma atividade e com seu corpus de pesquisa bem definido. Ora, um regaste na memória literária é trazer e tornar viva sua fundação, sua maneira de agir e de se modificar.

Dialogar com as instâncias do conhecimento presentes no mundo requer empenho, ética, tempo, perspicácia nas leituras, discernimento na apropriação do conhecimento e tantas outras nuances que contemplam o universo da construção do saber. Neste âmbito, pensar a formalização do docente traz o sentido da complexidade que é apropriar-se da informação inscrita sob os mais diversos suportes documentais, de

apreendê-la enquanto conhecimento e transformá-la em sabedoria a ponto de transmiti-la em sala de aula.

Ainda neste sentido, o profissional responsável por interpretar o mundo em certa atividade do universo do conhecimento, tem uma carga inata ao seu fazer social para a excelência no exercício da profissão e, em primeira instância, realizar o que lhe é esperado. O profissional deste campo, doravante docente, tem expressiva quantidade de atribuições para transmitir da melhor maneira o conteúdo. Entretanto, com o advento de tecnologias comunicacionais que facilitam e dinamiza o acesso a informação, como a internet, por exemplo, o Docente passou a tomar a função de instigador para conhecê-lo, sendo o responsável por abrir os caminhos para descobri-lo e o alunado ficando encarregado de ir atrás de mais visões e/ou mais conhecimento nas diversas fontes presentes na web, com parcimônia, claro, onde se pesquisa.

Diante desta linha de raciocínio, para além do que fundamenta o intelecto do profissional docente no ensino superior, há regimentos amplamente debatidos no Brasil que versam sobre a “produtividade” deste docente. E aqui, antes de adentrar-se nas questões da produtividade, há de se fazer uma importante diferenciação dos docentes no Brasil: há os docentes de instituições privadas e há os docentes de instituições públicas. Pode parecer a princípio que não tem nenhuma diferença entre ambos, mas existe sim e ela é extremamente considerável.

Sob a perspectiva dos autores deste estudo percebe-se que as instituições de ensino superior de origem privada, principalmente as mais recentes com menos de 15 anos de fundação, tendem a formar profissionais de mercado, ou seja, com currículo voltado majoritariamente para a prática profissional e até dando uma maior aliviada na carga de conteúdo a ser entregue aos alunos devido ao público ser, em grande parte, composto por pessoas que têm um emprego já estabelecido (que auxilia nos custos da mensalidade e afins) e dividem seu tempo com a faculdade, o que torna o processo bem cansativo.

Já as instituições públicas, ainda na visão dos autores, dão mais ênfase em formar teóricos e pesquisadores acadêmicos, aqueles que, na maioria das vezes, pensam em terminar a faculdade e ingressar no mestrado e doutorado, com o propósito de ser um docente de nível superior ou um pesquisador.

É importante ressaltar que não há nenhum juízo de valor sobre quem é o melhor graduado nas afirmativas acima e nem que as instituições estão corretas ou não em atribuir este ou aquele foco em seus graduados é, apenas, uma constatação do currículo dos formados que são entregues a sociedade. Também é preciso lembrar que há profissionais de formação em instituição particular que exercesse sua trajetória no campo da docência, há profissionais de instituição pública que exercesse sua atividade no mercado de trabalho e há, ainda, o profissional que é docente, é empreendedor, é cientista, é do mercado e formado em qualquer uma das esferas seja ela pública ou privada. Quem determina o destino de sua trajetória é o aluno, todavia é inegável a tendência de uma e de outra ao formar os seus profissionais.

Diferenciado os focos das instituições, diferencia-se também o perfil dos docentes contratados em ambas. Primeiramente, se a instituição está focada em qualificar para o mercado de trabalho ela procurará profissionais que estejam diretamente ligados a este fim. Assim, os profissionais estão voltados a análise muito mais prática do fazer profissional, como ocorre nas instituições privadas que tendem a levar mais em conta a experiência profissional do docente do que a sua titulação. Já a instituição pública versa pelo cunho acadêmico, foca no profissional maior titulado (de preferência que seja doutor) para assumir seus cargos. Tanto que, nos concursos realizados para docentes em instituições públicas a titulação é um dos quesitos que mais contam pontos em uma das etapas da seleção e, atualmente, os concursos são abertos, quase que unicamente, para os portadores do título de doutor.

O que se quer dizer com isso? Que no próprio processo seletivo e na própria estrutura das universidades que oferecem cursos de mestrado e doutorado, o profissional já tem sua cartilha de acesso na entrada e isso interfere diretamente como ele será cobrado durante sua vida na academia.

Com essa diferenciação no perfil do candidato esclarecida, faz-se necessário informar que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) são os responsáveis por atribuir rankings de qualificação às universidades e seus centros de pesquisa em conjunto com o Ministério da Educação (MEC). Estes Rankings são definidos, entre outros fatores, pelo número de publicações que o docente tem no ano,

em que revista publicou, quantos alunos orientaram, titulação, quantos prêmios ganharam, entre outros fatores.

Infere-se pela visão dos autores deste artigo, que também exercem a atividade da docência, que a forma como se configura a cobrança por melhores rankings é dotada de forma impessoal, meramente quantitativa, avaliando o profissional pela sua capacidade de gerar números e não tendo um método eficiente para avaliá-lo de maneira mais crítica e nuançada, a partir de indicadores qualitativos e compreensivos mais abrangentes, sobre como é feita a sua aula, se os alunos aprendem realmente com o conteúdo exposto e se há didática eficaz na troca do conhecimento em sala de aula, ou mesmo a relevância social dos resultados do ensino ministrado. É importantíssimo que se publique, principalmente em revistas de grande impacto, óbvio, até para divulgar ao mundo sobre o que se faz em seu grupo de pesquisa fazendo a roda da ciência girar, mas jamais se pode deixar de lado o motivo da instituição e do docente existir: o aluno! Ele é o grande termômetro de como a instituição e seus órgãos reguladores devem orientar suas diretrizes educacionais.

E, para além de todas estas questões, ainda há outro entrave muito peculiar a esta profissão: o ego entre os pares. Este é um sentimento bastante presente nos departamentos das instituições Brasil afora. Motivos de muitos bate-boca nos departamentos, o ego, e possíveis descaminhos de sua incidência sobre as subjetividades do entorno laboral, cursando às vezes com assédio moral, sexual, ou violenta opressão no contexto de trabalho, é, as vezes, o principal motivo de brigas que acabam tendo interferência direta na saúde mental e física dos professores. E quando aliada a pressão institucional para correr atrás de números e ainda ter que lidar com o ranking de ego internamente, supõe-se que estas questões influem diretamente no Self dos docentes interferindo possivelmente em um de seus aspectos basilares nucleados à reflexividade da consciência (Nascimento, 2008), a saber, na Autoconsciência Reflexiva e/ou Ruminativa (Nascimento & Roazzi, 2013).

Atividade Docente e a Proposta do Debate sobre Autoconsciência

Pelo viés etimológico, a palavra “Docência” tem sua fundamentação no termo emprestado do latim “*docere*” que significa algo como ensinar, instruir, mostrar, indicar, implicar. De acordo com Araújo (2004), o registro mais antigo do termo na

língua portuguesa é datado de 1916, o que implica que a utilização, ou melhor, a apropriação do termo é algo novo no espaço do discurso sobre a educação. No sentido formal, a Docência é a atividade laboral dos professores; na verdade, eles têm um conjunto de funções que vão além das tarefas de ensino. Funções de formação clássica, tais como ter um bom conhecimento da disciplina, explicar suas origens e suas relações epistêmicas – e isso foi se tornando mais complexo ao longo do tempo, atreladas ao surgimento de novas condições de trabalho.

Zabalza (2004) atribui três atribuições elementares para professores universitários: educação (ensino), pesquisa e administração de várias áreas da instituição. Entretanto, cabe a ressalva de que outras atividades são atribuídas a estes profissionais, como a orientação de monografias, dissertações e teses. Neste aspecto, tais atribuições, em sua forma um tanto quanto subjetiva de serem executadas, acarretam em alguns dinamismos muito singulares à profissão Docente.

Porém, para estas questões levantadas acima, precisamos ter em mente os construtos subjetivos da consciência, desmembrando-a da questão física cerebral e considerando-a de natureza imaterial e que tem interferência direta nos estados mentais do Ser Humano (Pereira *et al.*, 2010). Ora, como que, em situação fora do seu local físico de trabalho, o Docente olha para si? O que são representados internamente por ele quando não está dentro da sala de aula ou nos domínios da Universidade/Faculdade?

As respostas para estas perguntas trilham o caminho da escolha para analisar especificamente para propor análise pelo viés da autoconsciência para esta profissão. Em primeiro momento, pela motivação pessoal dos autores, que são docentes e investigadores de sua atividade, e, em segundo momento, pela carga representativa que este profissional carrega. O Docente é bombardeado por diversas instâncias: sejam elas de expectativa intelectual, por produção acadêmica ou orientação do alunado, expectativas estas que indiciam padrões de correção (standards) caprichosos, e exigentes demais à atividade autoconstrutora do self, lhe impondo níveis de desempenho que podem conduzi-lo ao verdadeiro esgotamento de suas fontes de energia (Duval & Wicklund, 1972; Nascimento, 2008). Estas atividades não são restritas a um local físico, elas perpassam as paredes institucionais e extrapolam a vida *extra-emprego* do profissional. Há aí uma dependência quase que integral da vida para a atividade, cobranças dos órgãos de fomento para publicação científica, ligações de

alunos para revisão de trabalhos enviados, que tornam este profissional possivelmente afetado no seu aspecto da autoconsciência. E, ainda, é de se administrar os entraves obtidos com os colegas de ofício, que muitas vezes extrapolam os limites sociáveis do ego e acabam sobrepondo a boa convivência no ambiente de trabalho, transformando-o em verdadeira provação subjetiva cotidiana, e teste de resistência à estrutura organizacional do self para fazer frente aos estímulos de natureza aversiva que entram insidiosamente no processo autofocalizador do self (autoconsciência).

Observe-se, acima, que foram mostrados apenas alguns aspectos da dinâmica do dia-a-dia do Docente, os quais são uma afetação constante ao Self. Ao olhar para estas perspectivas é de notória necessidade um estudo muito apurado e conciso sobre as questões da Autoconsciência, da Consciência Fenomenal e do Bem-estar psicológico que, aos moldes desta proposta em exame aqui, se apresentará na progressão desta reflexão crítica com o intuito de estabelecer uma base teórica concisa e inicial/exploratória, preche de possibilidades de realizabilidade futura e de maiores desenvolvimentos em seu perseguinto de elaboração construtiva.

O estudo sob a perspectiva psicológica do Self enquanto uma unidade presente no mundo e relacionando-se socialmente é datado desde 1890, na obra de William James intitulada “*The principles of psychology*”; seguida por Cooley (1902) com a obra “*Human nature and the social order*” e por Mead (1934) com a obra “*Mind, self, and society*” – para citar alguns autores – todos em uma perspectiva bastante empírica e pouco experimental (Silvia & Duval, 2001). Neste sentido, Silvia e Duval (2001) argumentam que a pesquisa experimental sobre o Self teve seu início pelos anos da década de 1970 com a Teoria da Autoconsciência Objetiva (OSA, de *objective self-awareness*) preconizada por Duval e Wicklund (1972). A Autoconsciência Objetiva trouxe a vertente de observar como a consciência afetava e se deixava afetar pelos agentes externos, resultando em uma troca de apreender a existência dos agentes ambientais externos, bem como experienciando o fato de se colocar como conhecedor de suas próprias descobertas, ou seja, tornando-se consciente de sua consciência.

Diante deste cenário, Duval e Wicklund (1972, p. 2) completam afirmando que: “quando a atenção é dirigida para o interior e a consciência do indivíduo é focada em si mesmo, ele é o objeto de sua própria consciência daí – autoconsciência objetiva – ” (tradução nossa). Assim, quando o indivíduo se torna consciente da sensação que venha

a sentir ele passa a se tornar experienciador de si mesmo resultando em poder saborear o objeto em dois níveis: 1) Ser afetado em primeira instância pelo objeto e se tornar conhecedor dele, e, 2) Saber que está consciente de que foi afetado e de que está ciente de que ele passou a ser afetado pelo novo objeto.

Deste feito, Nascimento (2008), aponta que existem duas formas de encontrar as dimensões da autoconsciência, que ele vai denominar como: “Autofoco Público” e “Autofoco Privado”. Os seres humanos têm a capacidade de mudar o foco de sua atenção de seu ambiente para si e vice-versa (Duval & Wicklund, 1972). Autofoco humano é geralmente aceito tanto numa perspectiva pública quanto numa dimensão particular. O Autofoco Público é caracterizado pela atenção às características de seu Self que são apresentadas para os outros (por exemplo, características físicas). Já o Autofoco Privado envolve atenção aos aspectos internos, pessoais de si mesmo, e inacessíveis aos outros diretamente como memórias e sentimentos de prazer físico ou dor (Nascimento, 2008).

Neste contraponto, Silvia e O’Brien (2004) alertam que “aspectos não adaptativos da autoconsciência” podem resultar na maior probabilidade do surgimento de enfermidades psíquicas. Os autores prosseguem elencando algumas das alterações provenientes da autoconsciência elevada como, por exemplo, ao relatarem que Smith e Greenberg (1981) foram os primeiros a observar as ligações entre a atenção autoconsciente e sintomatologia depressiva. Desde então, diversos trabalhos têm mostrado que a autoconsciência pode exercer eventos negativos e, eventualmente, levar a uma "estilo de autofocalização depressivo" (Pyszczynski & Greenberg, 1987). Há o relato ainda de que a autoconsciência, em conjunto com outros processos, estabelece as bases para preocupações obsessivas. A autoconsciência também se correlaciona com neuroticismo, que é essencialmente o traço de infelicidade crônica. A evidência disto levou Ingram (1990) a argumentar que a autoconsciência pode desempenhar um amplo papel na psicopatologia. A sua análise mostra que uma ampla variedade de distúrbios são instigados e mantidos por autoconsciência crônica.

Destarte, Morin (2002) aponta que há duas formas elementares de como a autoconsciência pode se manifestar no indivíduo, sendo elas a “*Self-Reflection*” (Auto-reflexão) e a “*Self-Rumination*” (Auto-Ruminação). Há pessoas que passam muito tempo analisando-se e parecem ser constantemente "rodeios", reavaliando-se, sempre

questionando seu comportamento e aparência, sendo inseguro de si, ansioso, etc. Isso é auto-ruminação: preocupação, ansiedade, estado de atenções voltadas para o Self, onde a pessoa tem medo de falhar e mantém-se perguntando sobre sua autoestima e auto-eficácia. Enquanto há outras pessoas que também são altamente autoconscientes, mas em vez de serem ansiosas sobre si mesmas, elas têm sabedorias sobre si próprias e sabem muito bem que são “contemplativas”, como se sentir seguro, ter profundidade e são filosóficas sobre as suas deficiências. Esta é a auto-reflexão: a genuína curiosidade sobre o Self, onde a pessoa fica intrigada e interessada em aprender mais sobre suas emoções, valores, processos de pensamento, atitudes etc. Então, todos nós analisamos nossos pensamentos e sentimentos internos (autoconsciência), mas algum de nós sente-se ansioso sobre o que podem descobrir sobre si mesmos (auto-ruminação), enquanto outros se sentem intrigados e fascinados sobre si mesmos (auto-reflexão) (Morin, 2002). Conforme indica Nascimento (2008), ruminação e reflexão tem consequências comportamentais e cognitivas distintas, caracterizando-se a ruminação com um estado de alerta para uma possível entrada em psicopatologia aberta.

Preciosas fontes de autoconhecimento como as matrizes de vivência espiritual e religiosa da humanidade, as religiões institucionalizadas revelam-se exercer efeitos diferenciais sobre a organização da autoconsciência, conforme o autor citado: as práticas religiosas e espirituais atuam sobre os parâmetros da consciência e de mediação do autofoco ocasionando incremento de auto-observação e anamnese (escrutínio reflexivo do self sobre si mesmo) entre pessoas religiosas, em detrimento das que se auto-intitulam sem filiação religiosa, bem como impacto diferencial a depender do tipo de matriz religiosa assumida, com cristãos liderando o ranking de níveis de autoconsciência, comparativamente a outras religiões e expressões religiosas oriundas do espectro religioso assumido por universitários brasileiros (ver Nascimento, 2008).

É lícito que se hipotetize, na esteira destes achados, que os estímulos vivenciados no ambiente laboral, exerçam também importantes efeitos (des)construtivos sobre o processo de autofocalização docente, conformando arranjos funcionais (reflexão) ou disfuncionais (ruminação), a depender da natureza e valência dos mesmos, suas intensidades, incidência individualizada por docente, e durabilidade temporal (Nascimento & Roazzi, 2013). Tal hipótese tem dignidade a ser submetida a teste empírico, e espera novos desenvolvimentos conceituais, e metodológicos, no que

esta singela reflexão de natureza ensaística e contemplativa representa um seu momento inaugural.

Considerações Finais

Cada um destes elementos (Reflexão e Ruminação) são estruturas presentes na atividade docente, resultantes da cronificação do processo autofocalizador pela estrutura atual da atividade docente em nível superior, o que cabe ao resultado desta proposta é averiguar em que medida a auto-apreciação do Docente se apresenta, se em uma perspectiva reflexiva na contemplação do Self ou se em uma perspectiva Ruminativa, tornando-se ansioso e crítico ao extremo. Assim, espera-se ter alcançado o propósito deste artigo que é dar uma contribuição para o debate sobre a autoconsciência e suas nuances no âmbito dos docentes.

Referências

- Adorno, T. W. (2003). *O ensaio como forma*. In Notas de literatura I. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Oliveira. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, p. 15-45.
- Araújo, J. C. S. (2004). Docência e ética: da dimensão interativa entre sujeitos ao envolvimento sócio institucional. In: J. P. Romanowski, R.D.O. Martins, S.R. Junqueira (Eds.), *Conhecimento local e conhecimento universal: práticas sociais, aulas, saberes e políticas*. Curitiba: Champagnat.
- Chalmers, D. (1993). *O que é ciência afinal?* São Paulo: Editora Brasiliense.
- Duval, T. S., & Wicklund, R. A. (1972). *A theory of objective self-awareness*. New York: Academic Press.
- Ingram, R. E. (1990). Self-focused attention in clinical disorders: Review and a conceptual model. *Psychological Bulletin*, 107, 156-176.
- Larrosa, J. (2003). O Ensaio e a Escrita Acadêmica. *Educação & Realidade*, 28(2), 101-115.
- Morin, A. (2002). Self-awareness review Part 1: Do You “self-reflect or “self-ruminate”? *Science & Consciousness Review*, 1. Recuperado em 6 de julho, 2005, de <http://www2.mtroyal.ab.ca/~amorin/Rumination.pdf>.
- Nascimento, A. M. (2008). *Autoconsciência situacional, imagens mentais, religiosidade e estados incomuns da consciência: Um estudo sociocognitivo* (Tese de doutorado, Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil).
- Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2013). Autoconsciência, Imagens Mentais e Mediação Cognitiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 493-505.
- Pereira Jr., A., Edwards, J. C.W., Lehmann, D., Nunn, C., Trehub, A., & Velmans, M. (2010). Understanding Consciousness - A Collaborative Attempt to Elucidate Contemporary Theories. *Journal of Consciousness Studies*, 17(5-6), 213-219.

- Pyszczynski, T., & Greenberg, J. (1987). Self-regulatory perseverance and the depressive self-focusing style: A self-awareness theory of reactive depression. *Psychological Bulletin*, 102, 122-138.
- Silvia, P. J., & Duval, T. S. (2001). Objective Self-Awareness Theory: Recent Progress and Enduring Problems. *Personality and Social Psychology Review*, 5(3), 230-241.
- Silvia, P. J., & O'Brien, M. E. (2004). Self-Awareness and Constructive Functioning: Revisiting "The Human Dilemma". *Journal of Social and Clinical Psychology*, 23(4), 475-489.
- Smith, T. W., & Greenberg, J. (1981). Depression and self-focused attention. *Motivation and Emotion*, 5, 323-331.
- Zabalza, M. A. (2004). *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed.

Recebido: 20/6/2020. Aceito:30/6/2020.

Sobre autores e contato:

Alexsandro Medeiros do Nascimento- Professor Permanente no PPG em Psicologia Cognitiva, UFPE. Coordenador do LACCOS / UFPE. E-mail: alexmeden@gmail.com

Túlio de Moraes Revoredo- Bacharel em Biblioteconomia e Mestre em Ciência da Informação pela UFPE. Bibliotecário do Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP), e docente dos cursos de Residências Uni e Multiprofissionais do IMIP. Pesquisador do LACCOS / UFPE. E-mail: tulio.revoredo@gmail.com

Antonio Roazzi- Professor Titular no PPG em Psicologia Cognitiva e no PPG em Administração, UFPE E-mail: roazzi@gmail.com